



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse. www.jornaldocomercio.com/agro



Gasolina de aviação agrícola sobe 67,3%

Tendência é que pressão de custos no campo leve ao repasse de valores a alimentos e insumos

Ana Esteves, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

Os reflexos da guerra no Irã com o fechamento do estreito de Ormuz, por onde passa mais de 20% do petróleo consumido mundialmente, e a destruição de refinarias na zona de conflito, começam a ser sentidas pelas empresas de aviação agrícola, com o aumento do preço dos combustíveis específicos para esse fim. É o que revela o estudo Inflação dos Combustíveis sobre a Aviação Agrícola realizado pelo Sindicato Nacional das Empresas de Aviação Agrícola (Sindag) que aponta um cenário de forte elevação na gasolina de aviação (AVGAS), com aumento de 67,3%, e do querosene de aviação (QAV), que avançou 51,6%. Além disso, o etanol, que move cerca de 20% dos aviões agrícolas, e o diesel, utilizado nos veículos de apoio em solo, tiveram variações mais moderadas de 6,9% e 7,7%, respectivamente.

O estudo também aponta incremento do Índice de Inflação da Aviação Agrícola (IAVAG), com

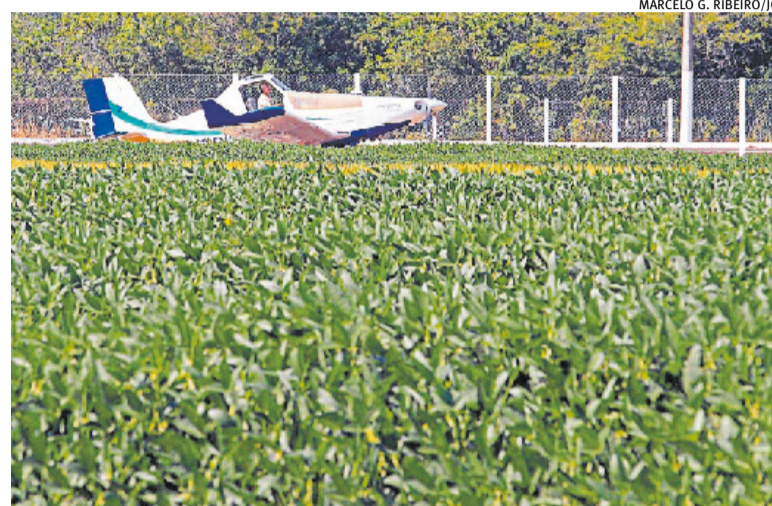
previsão de alta superior a 6,75% em março, impulsionada principalmente pelos custos energéticos. “O Sul, Sudeste e o Centro-Oeste são os que carregam 87% da aviação agrícola do País, e todos estão sendo impactados. Quando o custo da aplicação sobe, se percebe incremento de custos na lavoura, que acaba chegando no preço dos alimentos”, afirma o diretor operacional do Sindag e economista Cláudio Júnior Oliveira, que realizou o estudo.

O levantamento do Sindag demonstra ainda que, diante do incremento dos combustíveis, o custo operacional das empresas aumentou em média 25%, oscilando entre 14% e 40%, conforme a região e a composição da frota. Diante desse cenário, Oliveira afirma que será necessário aumentar em mais de 10% os preços dos serviços aéreos a campo, para manter a viabilidade das operações. “As empresas que se prepararam antecipadamente, prevendo esse aumento, encheram seus tanques e estão numa situação mais tranquila. As que não fi-

zeram vão ter que repassar esse percentual”, revela o economista.

Entre as saídas para amenizar a situação está o estabelecimento de subsídios governamentais para tentar conter a escalada dos preços. Para isso, o Sindag levará os dados do estudo para o Instituto Pensar Agro (IPA) e, a partir daí, à Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) e aos ministérios da Fazenda, da Agricultura e Pecuária e à Casa Civil. “As subvenções são bem-vindas, mas não resolverão o problema, apenas amenizarão. A expectativa é de que a guerra ceda um pouco, abra o estreito de Ormuz para poder passar o óleo”, diz o especialista. Enquanto isso não ocorre, o setor tem buscado se adaptar a partir da revisão de contratos, ajuste de operações e busca de maior eficiência para absorver parte dos custos. “Também cresce o interesse por alternativas mais estáveis, como o etanol, que apresentou menor variação no período e já movimentou cerca de 20% da frota aeroagrícola”, informa.

O estudo ouviu 30 empresas



MARCELO G. RIBEIRO/JC

Custo operacional das empresas teve aumento médio de 25%

aeroagrícolas de diferentes regiões do Brasil. Segundo Oliveira, esse movimento pode afetar a própria balança comercial brasileira, uma vez que a aviação agrícola atende os principais polos produtivos do País. Conforme o estudo, em 2025 os 10 principais produtos agropecuários brasileiros representaram mais de 40% das exportações. Lista que abrange soja (em grão, farelo e óleo), milho, açúcar (cana), café,

celulose (florestas comerciais) e algodão. Além das carnes bovina e de frango que também dependem da soja e do milho na ração animal. Para completar, 83% da produção agrícola está concentrada em oito estados que, não por acaso, concentram 87% da frota aeroagrícola nacional: Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Bahia.

Produção brasileira de carnes deve alcançar 33,38 milhões de toneladas em 2026

A produção de carne suína e de frango deverá atingir neste ano o maior patamar na série histórica da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), superando as 22 milhões de toneladas quando somadas. Com a inclusão da carne bovina, o valor total estimado para a produção das três proteínas é de 33,38 milhões de toneladas, volume próximo ao estimado para 2025, quando o Brasil registrou produção recorde. Essa tendência é acompa-

nhada do aumento da disponibilidade interna de carne de aves e de suínos, como aponta o Quadro de Suprimento divulgado pela Conab.

Em termos percentuais, a produção de carne suína apresenta o maior incremento previsto em relação a 2025, aproximando-se de 4%. Com o rebanho alcançando o melhor montante da série histórica, equivalente a 44,8 milhões de cabeças, estima-se que o total produzido da proteína chegue a 5,88 milhões

de toneladas, superando os anos anteriores. “O cenário indica aumento da demanda e das exportações, impulsionadas pela abertura de novos mercados”, analisa o gerente de Fibras e Alimentos Básicos da Conab, Gabriel Rabello.

A avicultura de corte também segue a tendência de ultrapassagem da série histórica. A produção deve alcançar mais de 16 milhões de toneladas, consolidando a posição do Brasil como principal fornecedor

mundial. Os dados sistematizados pela companhia demonstram crescimento de 3,6% nas exportações, com estimativa de 5,34 milhões de toneladas.

A Conab prevê uma leve queda na produção de carne bovina, que pode chegar a 5,3% em comparação a 2025. Ainda assim, neste ano o país deve registrar a segunda maior produção da série, estimada em 11,3 milhões de toneladas produzidas. O ano de 2025 foi simbólico para a

bovinocultura brasileira. Além do recorde de produção na série histórica nacional, o país alcançou a posição de maior produtor mundial de carne, pela primeira vez, na série histórica elaborada desde 1960 pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Com os investimentos em genética, nutrição e manejo que têm garantido maior produtividade ao plantel, a queda na produção pode ser inferior à prevista, avalia a Conab.

**FRENTE
a FRENTE**

**Licitação é para poucos.
Vamos acabar com esse mito.**

Acha que licitação é só para "peixe grande" ou que os editais são impossíveis de entender? Participe do Frente a Frente e venha desmistificar os processos licitatórios.

Vagas limitadas e exclusivas para agências associadas ao Sinapro-RS. Mais informações pelo e-mail gestao@sinaprorrs.com.br

Gabriela Torres
Sócia-diretora Administrativa-Financeira da SPR

Guilherme Romagna
Gerente Administrativo-financeiro da Escala

Ricardo Jaques
Sócio-diretor da Engenho de Ideias

16/04
(quinta-feira)

9h30
Wellcome coffee
Início dos painéis 10h

PUC
Famecos,
prédio 7 - sala 318

Inscriva-se no Symply

Apóio:

Realização: